

É EDUCOMUNICAÇÃO?

A descoberta do termo e de elementos educocomunicativos

Gabriela Felipe Rodrigues

Um breve retrocesso

Quantas vezes nessa minha ainda curta carreira de jornalista eu fiz educomunicação e não sabia. Voltando um pouco mais no tempo, no período da faculdade, eu já demonstrava interesse pelo assunto, embora ainda não conhecesse o termo. Cursei como aluna ouvinte a disciplina “Psicologia da Educação”, que não pertencia à grade de jornalismo, mas cujas aulas tinham estreita ligação com o que eu acreditava e gostaria de fazer. A idéia era fugir do modelo tradicional de Educação, procurando adequar o ensino à realidade do aluno.

No projeto de conclusão de curso, a união entre comunicação e educação tomou forma – desenvolvi o projeto de uma revista voltada a crianças já alfabetizadas, cuja proposta era fornecer conteúdos educativos de forma lúdica e usando uma linguagem próxima ao universo do leitor. Estimular a criatividade, o raciocínio e incentivar a leitura eram os ousados objetivos dessa estudante de jornalismo “metida a pedagoga”, como muitos amigos me chamavam na faculdade, dada minha afinidade com o tema. Intuitivamente ou não, uma das pessoas da minha banca era uma pedagoga.

Depois, já formada e ansiosa para ingressar no mercado de trabalho, essas questões, infelizmente, ficaram um pouco esquecidas, ou melhor, dormentes. Porém, inconscientemente,

a preocupação com a educomunicação continuava ali: eu trabalhava numa editora que produz revistas chamadas “populares”, isto é, destinadas à população de baixa renda, e, a cada matéria que eu escrevia, pensava que aquela talvez fosse a única fonte de informação daquele leitor, pois os produtos eram vendidos a preços bem mais baixos que a média de mercado. Ao desenvolver a pauta, tentava pensar a matéria colocando não apenas informações úteis ao leitor, mas dando condições para ele refletir e realmente adquirir conhecimento. Essa não era uma tarefa fácil, uma vez que o ritmo acelerado da redação e a própria filosofia da empresa na eram essa. Eu tinha que trabalhar nas brechas, mas ainda não havia me dado conta da relação dialógica existente entre Comunicação e Educação.

A tomada de consciência

Agora percebo que Comunicação e Educação não podem mais ser vistas apenas como assuntos distintos. Uma está ligada à outra, estabelecendo uma relação dialógica entre esses campos, o que resulta em um novo campo: o da Educomunicação. Soares¹ defende a existência desse novo campo de intervenção social, pois a Educomunicação se apresenta com autonomia: tem filosofia própria, história e reconhecimento da sociedade, não comungando dos mesmos princípios do campo da comunicação. A Educomunicação representa um conjunto de ações voltadas a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, sejam

¹ SOARES, Ismar de Oliveira. “Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais”, in Cotato, Brasília, Ano 1, N 1, jan/mar. 1999.

presenciais sejam virtuais: “... a Educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa”². Ela problematiza os campos da comunicação e da educação, de forma a criar ecossistemas comunicativos abertos e eticamente comprometidos. Dessa maneira, é possível formar a competência comunicativa do cidadão. Não se trata apenas da reflexão sobre o uso das tecnologias da comunicação e da informação – é um campo de mediações, de interdiscursividade. “Há necessidade de teorização e de reflexão crítica sobre os projetos para que se constitua esse campo, tornando-o um novo espaço de luta material e discursiva”³. A Educomunicação vai além de ações pontuais; ela trabalha com políticas públicas, para não beneficiar apenas uma minoria e, sim, atingir a população, criando verdadeiros ecossistemas. O objetivo é mudar o processo.

Por meio da Educomunicação é possível promover a educação emancipatória, aquela que prepara o sujeito para pensar, desenvolver sua consciência, seu senso crítico. Não é a emissão que precisa receber todas as atenções, sendo rigidamente vigiada ou censurada; é a recepção que deve ser trabalhada para que a pessoa aprenda a “ler” de fato a mensagem. É claro que o receptor não é aquele ser passivo, plenamente influenciado pela mídia, mas ainda é preciso romper com a narrativa dominante de uma cidadania associada ao consumo. Isso pode ser feito, segundo Soares (ao citar Nadia Lauriti), “... a partir da *prática* e do *interdiscurso*

² SOARES, Ismar de Oliveira. “Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação”, in Comunicação & Educação, São Paulo, ECA/USP-Editora Segmento, Ano VIII, já/abr. 2002, no. 23, p. 24.

³ SOARES, Ismar de Oliveira. “Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais”, in Cotato, Brasília, Ano 1, N 1, jan/mar. 1999. p. 57.

da educomunicação que se apóia na concepção de um novo sujeito, de uma nova espacialidade, de uma nova temporalidade e de uma nova construção do significado e da práxis”⁴. A Educomunicação trabalha com temas transversais, valoriza o conhecimento como um todo, e não apenas informações compartimentadas. Nesse processo, as tecnologias têm um papel essencial: elas não são meros instrumentos para melhorar a performance do professor; devem ser usadas para melhorar a performance de todos, sejam professores sejam alunos seja a própria comunidade. Porém não podem ser vistas apenas como instrumentos; o cenário e o ambiente em que atuam também devem ser considerados, ou seja, a tecnologia deve ser vista como mediação. Ela contribui para a aprendizagem, pois, por meio dela, o indivíduo pode se sentir tocado, envolvido, conectado, como lembra Soares: “Desta maneira, o ambiente mediado por tecnologias pode ajudar a produzir sentidos, convertendo-se em mediação”⁵. No entanto, é importante ressaltar que a tecnologia apenas contribui para a aprendizagem, mas não é a responsável por esse processo. “É o sentido que provoca a aprendizagem, não a tecnologia, e é por isso que o campo compete à comunicação ou à educomunicação”⁶.

Na escola, a tecnologia e os meios de comunicação podem ser usados para promover a integração do grupo, abolindo a centralização e valorizando a pluralidade. A escola deve ser, como lembra Barbero, um espaço democrático, onde todos

⁴ Idem. Ibidem.

⁵ SOARES, Ismar de Oliveira. “Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação”, in Comunicação & Educação, São Paulo, ECA/USP-Editora Segmento, Ano VIII, já/abr. 2002, no. 23, p. 20.

⁶ Idem. Ibidem.

podem ter voz: “... lugar de conversación entre generaciones, entre jóvenes que se atrevan a llevar a la escuela sus verdaderas preguntas y maestros que sepan y quieran escuchar, convirtiendo a la escuela en um espacio público de memória y de invención de futuro”⁷. Mário Kaplún também destaca a necessidade de dar lugar à manifestação pessoal no processo de ensino/aprendizagem, valorizando a individualidade dos educandos: “Em lugar de confiná-los a um mero papel de receptores, é preciso criar condições para que eles mesmos gerem mensagens próprias, pertinentes ao tema que estão aprendendo”⁸. Essa democratização da escola pode acontecer por meio da Educomunicação, pois a troca é muito intensa: alunos aprendem com professores, professores aprendem com alunos, alunos aprendem com alunos, a comunidade aprende com os alunos, e assim por diante, formando ecossistemas comunicativos. O profissional direcionado a formar esses ecossistemas é o gestor, que deve saber negociar e conhecer os limites, para evitar rejeições, pois a prática educomunicativa deve ser feita dentro dos limites possíveis.

⁷ MARTÍN BARBERO, Jesús. “Ensanchando territórios em comunicación/educación”, in VALDERRAMA, Carlos, Comunicación & Educación, Bogotá, Universidad Central, 2000, p. 111.

⁸ KAPLÚN, Mário. “Processos educativos e canais de comunicação”, in Comunicação e Educação, jan./abr. 1999, p. 73.